

TRADIÇÃO E
NOVIDADE NA TÉCNICA
LEXICOGRÁFICA
DE RAPHAEL BLUTEAU
NO *VOCABULARIO*
PORTUGUEZ E
LATINO (1712-1721)

TRADICIÓN Y NOVEDAD EN LA TÉCNICA LEXICOGRÁFICA DE RAPHAEL BLUTEAU EN EL
VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO (1712-1721)

TRADITION AND INNOVATION IN THE LEXICOGRAPHICAL TECHNIQUE OF RAPHAEL
BLUTEAU IN THE *VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO* (1712-1721)

Messias dos Santos Santana*

Universidade Estadual do Piauí | *Campus* Professor Possidônio Queiroz

RESUMO: A lexicografia de língua portuguesa inicia-se de forma muito tímida na segunda metade do século XVI e somente no século XVIII terá a sua primeira grande obra, o *Vocabulário Portuguez e Latino*, de Raphael Bluteau. Desse modo, este estudo analisou os oito primeiros volumes desta obra, objetivando identificar algumas das marcas que a caracterizam em relação à produção lexicográfica de língua portuguesa anterior, sob as perspectivas da História das Ideias Linguísticas, com Auroux e Colombat (1999) e Verdelho (1995, 2002), e da História das Ciências, com Fleck (1986). Os resultados indicam que a obra de Bluteau introduz técnicas ainda não adotadas (ou adotadas de forma não-sistemática) pelos primeiros dicionários, destacando-se: uso de letra maiúscula nas entradas; indicação detalhada das fontes das entradas e dos exemplos apresentados; definições amplas e exemplificação com palavras que não pertencem ao uso culto; e emprego de acento nas palavras portuguesas para indicar ao leitor como pronunciá-las.

PALAVRAS-CHAVE: História das ideias linguísticas. Horizonte de retrospectiva. Lexicografia portuguesa. *Vocabulário Portuguez e Latino*.

* Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). Professor Adjunto do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) – Campus Professor Possidônio Queiroz. E-mail: messiasdsantana@bol.com.br.

RESUMEN: La lexicografía de lengua portuguesa inicia muy tímidamente en la segunda mitad del siglo XVI y sólo en el siglo XVIII tendrá su primera gran obra, *Vocabulário Portuguez e Latino*, de Raphael Bluteau. Así, este estudio analizó los ocho primeros volúmenes de esta obra, con el fin de identificar marcas que la caracterizan en relación con la anterior producción lexicográfica de lengua portuguesa, bajo las perspectivas de la Historia de las Ideas Lingüísticas, con Auroux e Colombat (1999) y Verdelho (1995; 2002), y de la Historia de las Ciencias, con Fleck (1986). Los resultados indican que la obra de Bluteau introduce técnicas aún no adoptadas (o no adoptadas sistemáticamente) por los primeros diccionarios, destacándose: el uso de mayúsculas en las entradas; la indicación detallada de las fuentes de entradas y de los ejemplos presentados; las definiciones amplias y la ejemplificación con palabras que no pertenecen al uso culto; y el uso del acento en las palabras portuguesas para indicar la pronunciación correcta al lector.

PALABRAS CLAVE: Historia de las Ideas Lingüísticas. Horizonte de retrospección. Lexicografía portuguesa. Vocabulário Portuguez e Latino.

ABSTRACT: The lexicography of the Portuguese language began timidly, in the second half of the 16th century, and, only in the 18th century, the first great lexicographical work, the *Vocabulário Portuguez e Latino*, by Raphael Bluteau, appeared. Thus, this study analyzed the first eight volumes of this work, aiming to identify some of its features in relation to the preceding Portuguese lexicographical works, in the perspectives of the History of Linguistic Ideas, with Auroux e Colombat (1999) and Verdelho (1995; 2002), as well as the History of Sciences, with Fleck (1986). The results indicate that Bluteau's work introduces techniques not yet adopted (at least, systematically) by the first dictionaries, such as: use of capital letters in the entries; detailed indication of the sources of the entries and the examples presented; wide definitions and exemplification with words that do not belong to learned use; and the use of accent to indicate the correct pronunciation.

KEYWORDS: History of linguistic ideas. Retrospective horizon. Portuguese lexicography. Vocabulário Portuguez e Latino.

1 INTRODUÇÃO

Uma ciência ou área do conhecimento nunca deve a sua história a um único expoente. Assim, a construção do saber científico é sempre uma obra coletiva, um processo no qual há contribuições de diversas pessoas, em diferentes momentos da história.

Um exemplo de tal fato são as Ciências da Linguagem no Ocidente, as quais se desenvolveram a partir de um conjunto de informações que estão sendo sistematizadas desde os antigos gregos, como assinala Robins (1979, p.5):

[...] Os resultados práticos e teóricos da lingüística grega foram levados a Roma [...]; de Roma passaram por meio dos últimos gramáticos latinos à Idade Média e daí se transferiram durante e após o Renascimento para o mundo moderno, juntamente com importantes contribuições provenientes de fora da Europa. Em nenhum momento existe ruptura que signifique descontinuidade na tradição lingüística européia. Com freqüência encontramos mudanças de teoria, objetivos, métodos e conceitos [...] porém cada geração de lingüistas tem à sua disposição certo conhecimento a respeito da vida e obra de seus predecessores.

Seria equivocada, portanto, quanto aos estudos lexicográficos, considerar que um dicionário moderno da língua portuguesa (como o Houaiss ou o Aurélio) apresenta a mesma organização macro e microestrutural dos primeiros dicionários que foram elaborados sobre essa língua. Conforme se demonstrará ao longo deste estudo, tal postura não é corroborada pelos fatos, os quais evidenciam que, ao longo dos séculos, as obras lexicográficas dedicadas à língua portuguesa foram-se modificando até surgirem os modelos atuais, tal como se encontram estruturados. Trata-se, portanto, de um percurso longo que foi iniciado na segunda metade do século XVI e que vem sendo aprimorado desde então.

Não obstante seja tentador investigar esse longo período e buscar respostas para pontos obscuros que ainda existem na história da lexicografia de língua portuguesa, os objetivos deste estudo são bem mais modestos, consistindo em analisar a obra *Vocabulário*

*Portuguez e Latino*¹, de Raphael Bluteau, quanto a suas características lexicográficas. Especificamente, procurar-se-á situar a referida obra no contexto da lexicografia de língua portuguesa e identificar traços lexicográficos que ainda não são encontrados (ou que ocorrem de forma não-sistemática) em dicionários da língua portuguesa, isto é, dicionários cujas entradas são escritas nessa língua, publicados antes deste. Para tal contraste, selecionaram-se os três primeiros dicionários conhecidos dessa língua: o *Dictionarium ex Lusitanico in Latino Sermonem* (1562), de Jerônimo Cardoso; o *Dictionarium Lusitanicolatinum* (1611), de Agostinho Barbosa; e o *Thesouro da Lingoa Portuguesa* (1647), de Bento Pereira.

Quanto à perspectiva teórica, esta pesquisa associa-se, portanto, à História das Ideias Linguísticas, em particular ao conceito de horizonte de retrospectação² – aqui concebido como o diálogo ou a interação com o saber que foi elaborado por estudiosos do passado acerca de determinado tema ou ramo de uma ciência (AUROUX ; COLOMBAT, 1999)³.

2 OS PRIMEIROS DICIONÁRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA E A CONFIGURAÇÃO DE UM MODELO LEXICOGRÁFICO

A Idade Média é marcada, na Europa, pelo desaparecimento do latim como língua falada pela população e pelo surgimento das línguas vernáculas que dele se originaram. Apesar disso, a língua latina ainda conservou um papel muito importante no âmbito da escrita, o que criava uma necessidade de conhecimento dessa língua.

Semelhante contexto era, portanto, propício ao surgimento de diversos instrumentos com caráter lexicográfico, entre os quais Verdelho (1995, p.139) cita textos com informação enciclopédica, glossários (bilíngues) e dicionários latinos, os quais “[...] antecipam a emergência da moderna lexicografia”, pois “[...] se criaram com eles os primeiros modelos de referência para toda a subsequente tradição lexicográfica” (VERDELHO, 1995, p.139-140).

Esse tipo de produção lexicográfica também se fez presente em Portugal, ora auxiliando no uso da língua portuguesa, que começava a fazer-se presente em textos escritos, ora no manuseio da língua latina. Nesse sentido, Verdelho (1995, p.139) assim caracteriza esse período da história da lexicografia portuguesa:

Podemos considerar, com efeito, na pré-lexicografia portuguesa da Idade Média, esta dupla perspectiva: primeiro, tornavam menos necessário o uso de dicionário monolíngue todas as estratégias do texto escrito em português, que facilitam o acesso à sua significação, integrando no discurso uma abundante linguagem lexicográfica ou metalexical, e formando uma espécie de dicionário implícito da língua portuguesa; segundo, substituíram o dicionário plurilíngue todos os instrumentos de apoio à intercomunicação bilíngue e à decifração e produção de texto latino, incluindo glossários, listas de palavras, nomenclaturas, ou outras formas paralexográficas de acompanhamento do texto.

¹ O *Vocabulario Portuguez e Latino* foi publicado em dez volumes, entre os anos de 1712 e 1728. Neste estudo, somente serão analisados os seus oito primeiros volumes, porque foram publicados de forma contínua (entre 1712 e 1721), ou seja, com pouco espaço de tempo entre um volume e outro; já os dois últimos volumes – que constituem o seu *Suplemento* – vieram à lume após um período de seis anos (em 1727 e 1728).

² Em um estudo sobre os Enciclopedistas, Auroux e Colombat (1999, p.111, tradução minha) assim caracterizam a relação do estudioso com o horizonte de retrospectação: “O objectivo aqui é estudar a percepção dos Enciclopedistas acerca de trabalhos anteriores sobre o estudo da linguagem, aquilo a que chamamos de ‘horizonte de retrospectação’”. [No original: “Il s’agit ici d’étudier la perception qu’avaient les Encyclopédistes des travaux antérieurs concernant l’étude du langage, ce que nous nommons ‘horizon de rétrospection’”].

³ Trata-se, em síntese, de considerar o desenvolvimento científico como o resultado de uma construção coletiva, conforme defendeu Fleck em um estudo publicado originalmente em 1935, no qual afirmava: “[...] queiramos ou não, não podemos prescindir de um passado que – com todos os seus erros – ainda está presente nos conceitos herdados, nos modos de conceber os problemas, em programas de educação formal, na vida quotidiana, na linguagem e nas instituições. Não existe uma *generatio spontanea* [geração espontânea] de conceitos; pelo contrário, eles são – digamos assim – determinados pelos seus antepassados.” (FLECK, 1986, p.67, tradução minha). [No texto consultado: “[...] querámoslo o no, no podemos liberarnos de un pasado que – con todos sus errores – sigue vivo en conceptos heredados, en las formas de concebir los problemas, en los programas de la enseñanza formal, en la vida diaria, en el lenguaje y en las instituciones. No existe ninguna *generatio spontanea* de los conceptos, sino que están – valga la expresión – determinados por sus antepasados.”]

Ainda conforme Verdelho (1995, p.167), apesar da existência, em Portugal, de tais gêneros textuais ao longo de toda a Idade Média, conservou-se apenas uma obra que contempla a língua portuguesa:

[...] a produção propriamente lexicográfica que sobreviveu e que chegou até hoje, ao nosso conhecimento é, sem dúvida, modestíssima. Para além dos textos da lexicografia latina que se usaram em toda a Europa, e de que guardamos raros exemplares, temos, respeitante à língua portuguesa, um documento, um único, com um dicionário de verbos, e ainda este, ordenado do latim para o português. (VERDELHO, 1995, p.167)

Portanto, os primeiros dicionários portugueses não resultam de uma prática lexicográfica que estava atingindo o seu auge em Portugal, mas de uma prática que ainda precisava afirmar-se, porque ainda era muito embrionária. Assim, acolhe-se, novamente, o que diz Verdelho (1995, p.138):

Não podemos deixar de notar, a este propósito, o percurso histórico modesto e as origens pobres da lexicografia portuguesa, iniciada apenas na segunda metade do século XVI, sobretudo quando a comparamos com a de outras línguas. Mas não é despreciosa, nem deixará de ser útil o seu reinvestimento nos estudos linguísticos contemporâneos, na história da língua, e especialmente na renovação do fundo dicionarístico português.

Tratava-se, pois, de obras de natureza bilingue, que visavam mais a auxiliar no ensino de latim que refletir sobre a língua portuguesa (cf. MURAKAWA, 2007)⁴. Consequentemente, esses primeiros dicionários portugueses trazem limitadas informações a respeito da língua portuguesa, e somente com o *Vocabulario Portuguez e Latino*, de Raphael Bluteau, ter-se-á um dicionário com mais características de um dicionário de língua portuguesa que de um dicionário bilingue⁵.

Mas como se caracterizam tais obras quanto à sua técnica lexicográfica? Nas próximas páginas, serão apresentadas respostas a essa indagação, através da descrição de algumas marcas lexicográficas presentes nos três primeiros dicionários impressos em Portugal cujos verbetes são encabeçados por palavras da língua portuguesa⁶. A partir disso, será possível determinar o que possuem em comum – e, consequentemente, em que diferem –, bem como identificar as principais inovações que Bluteau incorpora à lexicografia portuguesa, por meio de seu *Vocabulario Portuguez e Latino*.

2.1 AS ENTRADAS E AS DEFINIÇÕES

Ao observarem-se os verbetes dos dicionários de Jerônimo Cardoso, Agostinho Barbosa e de Bento Pereira, verifica-se que às palavras ou construções em língua portuguesa os autores fazem seguir o seu correspondente em latim, conforme abaixo⁷:

⁴ “A lexicografia da língua portuguesa, como a dos restantes vernáculos europeus, nasceu dos vocabulários bilingues que puseram em confronto o latim e as línguas vulgares” (VERDELHO, 2002, p.17).

⁵ Referindo-se aos dicionários bilingues, assim diz Porto Dapena (2002, p.268, tradução minha): “[...] é evidente, por exemplo, que, nos dicionários bilingues, as equivalências não venham dadas normalmente por definições, a menos que a entrada tenha necessidade de tradução léxica, isto é, que não exista um termo equivalente na língua de chegada”. [No original: “[...] es evidente que, por ejemplo, en los diccionarios bilingües las equivalencias no vienen dadas normalmente por definiciones, a menos que la entrada carezca de traducción léxica, esto es, que no exista un término equivalente en la lengua de llegada”].

⁶ Não é proposta deste texto analisar toda a técnica lexicográfica dos referidos dicionários, mas somente algumas que também foram empregadas por Bluteau, no *Vocabulário*, com poucas ou muitas diferenças.

⁷ Uma vez importante para as análises empreendidas ao longo deste estudo, mantiveram-se as entradas e os verbetes tal como se encontram nos respectivos dicionários de que foram retirados, tanto em seu aspecto estrutural, quanto no que diz respeito à forma gráfica como se apresentam.

<i>Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem</i>	<i>Dictionarium Lusitanicolatinum</i>	<i>Thesouro da Lingoa Portuguesa</i>
Alecrim. Libanotis, dis. (p.11) Carrasco. Ilex, icis. (p.31)	<i>Alfayate</i> . Sartor, oris, apud Thesaurum. (p.59)	Azul. <i>Caeruleus, a, um.</i> <i>Cyaneus, a, um. Thalassinus, a, um.</i> Azulejada cousa. <i>Tessellatus,</i> <i>a, um.</i>
De boa vontade. Libenter, libentissime. (p.40)	<i>Cor que as molheres põem no rosto</i> . Pigmentum, i, Plaut Mostel. 4.	Azulejo. <i>Tessella, ae.</i> (p.17)
Fazer coceguas. Titilo, as. (p.61)	Plin. lib. 16. c.43. (p.257)	† Acapellado foi das ondas o batel. <i>Cymba undis penè</i> <i>obruta</i> (p.3)
Cousa chea de ferretes. Stigmaticus, a, um. (p.62)	<i>Coroa</i> . Corona, e, p. p. Stemma, stemmatis, pc. c. n. g. Firmicus lib. 4.(p.260)	Betilha que põem na boca ao boy quando debulha. <i>Fiscella, ae.</i> (p.19)
Madrinha da noiua. Pronuba, ae. (p.71)	<i>Estropiar cõ os pés, ou de qualquer modo</i> . Strepo, is, strepui, strepitum, p. c. Cic. 1. de Diuinat. Virg. 6. & 8. Aeneid. (p.510)	† Em pé estar. <i>Sto, as.</i> (p.43)
Mancebia de molheres solteiras. lupanar, aris. (p.72)	<i>Logar onde se recolhe, ou guarda o feno</i> . Faenile, is, p. p. g. n. Colum. lib. I. c. 6. (p.534)	

Quadro 1: Entradas e definições nos primeiros dicionários portugueses

Fonte: Elaborado pelo autor

Não se trata, portanto, de definir a palavra ou a construção, mas de indicar-lhe um equivalente em outra língua. Todavia, em algumas passagens, sobretudo do *Dictionarium Lusitanicolatinum*, encontram-se verbetes nos quais à entrada o autor faz seguir algumas informações que já apontam para uma tentativa de definição, como ocorre nos seguintes exemplos (destaques do autor):

Enfermeyro, que tem a cargo os enfermos. Valetudinarius minister. (BARBOSA, 1611, p.444)

Fado. Fatum, i, *quer dizer palaura, ou mandado de Deos*. (p.518).

Guarda roupa, onde se guarda a roupa, e os vestidos. Vestiarium, ii. (BARBOSA, 1611, p.578)

Evidencia-se, dessa forma, que esses dicionários adotam o mesmo procedimento em relação à sua composição das entradas, as quais ora ocorrem como uma única palavra, ora como um conjunto de palavras.

Outra observação importante relacionada às entradas dos dicionários em análise pode ser feita a partir do dicionário de Agostinho Barbosa, pois este autor, diferentemente dos demais, apresenta as entradas de seu dicionário digitadas em itálico, ao mesmo tempo em que o seu correspondente latino vem digitado sem nenhum tipo de destaque. Ou seja, enquanto nos demais dicionários a entrada vem digitada da mesma maneira que a informação que a segue, o *Dictionarium Lusitanicolatinum* fá-las aparecer de modo diverso, demonstrando, assim, que se trata de partes diferentes dentro do dicionário.

2.2 A EXEMPLIFICAÇÃO E AS FONTES

Quando se analisam esses três dicionários em relação à exemplificação e à indicação das fontes de seus exemplos⁸, novamente se verifica que eles são caracterizados de maneira diferente, como se demonstra no quadro que segue:

<i>Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem</i>	<i>Dictionarium Lusitanicolatinum</i>	<i>Thesouro da Lingoa Portuguesa</i>
Não há	<p><i>Adoecer.</i> Incidere in morbum. Cic. de Senect. Cadere in morbum. Cic. 1. Tuscul. (p.29)</p> <p><i>Azeytona.</i> Olea, eae. Oliua, e, pen. prod. Colum. lib. 11. cap. 2. Tum & olea distinguêda est, ex qua velis viride oleum efficere. Plin. lib. 25. cap. 31. Oliuae constant nucleo, oleo, carne, amurca. (p.139)</p> <p><i>Corrente da agoa.</i> Fluxio aquarum, Cicero I. de Diuinat. Vel fluxus aquarū. Vel, cursus, Virg.. 4. Geor. Vel Decurusus aquarum, Lucret. lib. 5. (p.263)</p>	<p>† A Proposição ~q se ajunta com varios verbos, & nomes. Vt A vos pertêce. <i>Ad te attinet.</i></p> <p>† A a, vel à Proposição <i>Iuxta</i> Conforme à opinião de muitos. <i>Iuxta opionem multorum.</i> (p.1)</p>

Quadro 2: Exemplificação e fontes nos primeiros dicionários portugueses

Fonte: Elaborado pelo autor

Assim, enquanto esse tipo de informação não é apresentado no *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem*, tanto um como o outro aspecto são contemplados nos outros dois dicionários, embora haja bem menor regularidade no *Thesouro da Lingoa Portuguesa* que no *Dictionarium Lusitanicolatinum*.

Faz-se importante, contudo, observar que tanto os exemplos quanto os autores que são indicados referem-se à língua latina e não à portuguesa – língua da qual provêm as palavras que figuram na posição de entrada dos verbetes –, o que reflete a circunstância em que (e para a qual) esses dicionários foram elaborados, respectivamente o latim ser uma língua de autores clássicos, enquanto a portuguesa era a língua vernácula, e o emprego desses dicionários no ensino de latim.

Há, no entanto, “experimentos” em apresentar exemplos em língua portuguesa, mas que, na verdade, correspondem à tradução de exemplos latinos apresentados, como se verifica em Bento Pereira (cf. Quadro 2) e em Agostinho Barbosa, a seguir:

Acossar. i. andar tanto como o côpanheiro. Aequare socium incessu.

⁸ O que se está chamando aqui de *exemplo* não é a palavra que vem colocada na posição de entrada do verbete ou o correspondente latino que lhe é atribuído, mas sim a apresentação de alguma construção (frase ou não) da qual a palavra-entrada ou seu correspondente em latim figura como parte. Com isso, nas análises que são apresentadas nesta seção, não se quer dizer que os autores analisados não retiraram de textos as palavras que compõem as entradas dos seus dicionários, mas sim que alguns deles não apresentaram esses exemplos ou não indicaram as suas fontes.

Non possum te incesso aequare: *não posso acossar contigo, ou andar tanto, como tu andas.* (BARBOSA, 1611, p.18)

Fora, i. sem. Extrà, praepositio accusatiui. Ut, Extra culpas esse, *estar*

fora de culpa, ou sem culpa.

Extra ostium. *fora da porta*, Terentius Phorm. 5.6.

Extra iocum. *fora de zombaria, ou sem zombaria.* Cicer. Trebatio lib. 7. epist. 16. & Volumnio cod. lib. espist. 32. (BARBOSA, 1611, p.551)

Verifica-se, assim, que – embora ainda seja um processo muito incipiente na lexicografia portuguesa – as técnicas de exemplificação e de citação de autores de língua portuguesa já começam a despertar a atenção, pois, em 1562, no *Dictionarium* de Jerónimo Cardoso, nem uma nem outra se encontram; no *Dictionarium* de Agostinho Barbosa já há exemplos em língua portuguesa traduzindo exemplos latinos; e no *Thesouro* já são encontrados exemplos em português correspondentes a construções em latim, mas, principalmente, já se indica, no início da obra, uma lista contendo os nomes de “Autores portugueses, os quaes todos se leram pera se fazer este Vocabulario” (PEREIRA, 1647, Folha de Rosto).

2.3 VERBETES COM REMISSÃO

Outra característica da técnica dos primeiros dicionários portugueses e que merece destaque – embora pouco frequente – é a remissão feita a outro verbete do mesmo dicionário. Nessas situações, em vez de apresentar o correspondente latino da palavra que está como entrada do verbete, o autor remete para outra palavra que contém aquele, conforme Quadro 3:

<i>Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem</i>	<i>Dictionarium Lusitanicolatinum</i>	<i>Thesouro da Lingoa Portuguesa</i>
Aleuantar. Vide, levantar. (p.11)	<i>Absentarse.</i> Vide <i>Fugir.</i> (p.11)	Abebara, fig. Vide Bebera. (p.2)
Bordar. Vide, barrar. (p.26). Boutisar. Vide, bautizar. (p.26).	<i>Arrazoar.</i> Vide <i>Razoar.</i> (p.112) <i>Desapossar.</i> Vide <i>Desempossar a bayxo.</i> (p.345)	Absentar, ausencia. Vide ausentar. (p.3) † Banca. Vide Banco. (p.18)

Quadro 3: Exemplos de verbetes com remissão nos primeiros dicionários portugueses

Fonte: Elaborado pelo autor

Trata-se, pois, de um recurso importante, na medida em que, por exemplo, contribui para que o consulente conheça outra(s) maneira(s) de grafar a palavra em foco ou identifique uma palavra que lhe seja sinônima, evitando, ainda, de certa maneira, a redundância no dicionário.

2.4 A ORIENTAÇÃO AOS CONSULENTES

Também é importante observar, nos dicionários analisados, o emprego de técnicas lexicográficas para orientar os seus consulentes na busca de palavras. Uma delas é o recurso à distribuição das palavras ao longo do dicionário utilizando o critério da ordem alfabética, como nos exemplos indicados no próximo quadro:

<i>Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem</i>	<i>Dictionarium Lusitanicolatinum</i>	<i>Thesouro da Lingoa Portuguesa</i>
Aba de vestidura. Sinus, us Abada. Sinus plenus. Abade. Abbas, atis, pastor ecclesiae Abadessa. Abbatissa, ae, antistes, is, praelecta monachatum Abadinho. Abatulus, i [...]. (p.1)	<i>ABA de vestidura.</i> Sinus, sinus, m. Lacinia, ae. Cicer. Tironi, lib. 16. epis. 21. Sueton. in Caligula, c.35. Plaut. Mercat. 4. Unde. Vestis sinuosa, vel vestis laciniosa: <i>Quem tem grandes abas, ou fraldas.</i> Ouid. 5. Metam. Plin. lib 25. cap. 10. <i>Abada animal.</i> Rhinoceros, pen. corr. Rhinocerotis, pen. prod. m. g. Plin. lib.8. cap.20. <i>Abade Bento.</i> Abbas, abbatis, penul. prod. Thesaurus Archimandrita, ae, penul. p. Sidonius Apollinaris, & Alciatus. [...]. <i>Abbadia. i. beneficio.</i> Beneficium Ecclesiasticum. (p.1)	Aba da vestidura. <i>Sinus, us.</i> <i>Lacinia, ae.</i> Abada animal. <i>Rhinoceros,</i> <i>otis.</i> Abade. <i>Abbas, atis.</i> Abade principal. <i>Archimandrita, ae.</i> Abadessa. <i>Abbatisça(?), ae.</i> Abadia. <i>Abbatia, ae.</i> † Abadinho. <i>Abbatulus, i.</i> (p.1)

Quadro 4: Exemplos de orientação aos consulentes nos primeiros dicionários portugueses

Fonte: Elaborado pelo autor

Destes dicionários, o *Thesouro* é aquele que segue esse critério com maior regularidade; nos demais, frequentemente se encontram exemplos em que as entradas estão dispostas fora da ordem alfabética.

Outro recurso adotado nesses dicionários com a finalidade de orientar o consulente é o que consiste em indicar que uma nova série alfabética será iniciada, o que é feito com o emprego de: *i*) letra em maiúscula; *ii*) estruturas frasais; e/ou *iii*) partes iniciais de palavras. Dessa maneira, tem-se o que segue:

<i>Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem</i>	<i>Dictionarium Lusitanicolatinum</i>	<i>Thesouro da Lingoa Portuguesa</i>
(empregados no interior do dicionário)	(empregados no interior do dicionário)	(empregados no interior do dicionário)
Ⓒ De litera A. (p.1)	B (p.141)	I (p.58)
Ⓒ De litera, B, Ante, A. (p.23)	C (p.171)	P (p.72)
A ante m. (p.13).	D (p.311)	T (p.89)
Ⓒ Ama. Nutrix, cis, nutricula, ae. (p.13).	(empregados no topo do dicionário)	(empregados no interior e no topo do dicionário)
Ame. (p.14).	A Ante O & P. (p.88)	
Ⓒ Amea. Pinna, ae. (p.14).	D Ante E (p.351)	F, antes do A, & E. (p.52)

Ami. (p.14).		I, antes do C, D, E, G, L, & M. (p.58)
Ç Amieiro. Siler, eris. (p.14).	Z Ante O, & V (p.1208)	N. antes do V. O. antes do B. C. D. F. (p.70)

Quadro 5: Novos exemplos de orientação aos consulentes nos primeiros dicionários portugueses

Fonte: Elaborado pelo autor

Esses exemplos deixam evidente que as estruturas empregadas por Jerônimo Cardoso (*ii* e *iii*) somente em parte correspondem às adotadas pelos dois lexicógrafos que vieram após ele (*i* e *ii*), os quais, por sua vez, concordam nesse ponto. Outra divergência está no fato de que essas estruturas não ocupam a mesma posição na página: Jerônimo Cardoso só as emprega no interior da página; os autores dos dois outros dicionários empregam-nas, novamente concordando entre si, quer no interior (a letra em maiúscula, para indicar a mudança de letra da série alfabética), quer no topo, para orientar página a página o leitor.

Ante as análises até aqui empreendidas, fica evidente, portanto, que todos esses dicionários – embora seus objetivos não fossem restritos à língua portuguesa e apesar do conhecimento limitado acerca de técnicas lexicográficas – terão importância fundamental para que a dicionarística de língua portuguesa consolide-se nos séculos seguintes, pois é a identificação de seus problemas que possibilitará ao *Vocabulario Portuguez e Latino* superá-los, e foi a partir dos problemas deste que o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Moraes Silva (1789), também se afirmou na história da lexicografia portuguesa.

3 O VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO E A INTRODUÇÃO DE UM NOVO MODELO DE LEXICOGRAFIA EM PORTUGAL

O *Vocabulario Portuguez e Latino*, embora não seja a obra inaugural da lexicografia de língua portuguesa, é bem mais extensa que as obras lexicográficas de que os portugueses dispunham, tanto no que concerne ao número de entradas, quanto em relação à quantidade de informações apresentadas. Em face de tal grandiosidade, Verdelho (2002, p. 23, destaques do autor) assim a caracteriza: “O *Vocabulario* actualizou e aumentou cinco vezes mais aproximadamente o ‘corpus’ lexical português até então dicionarizado [...] e passou a constituir uma referência obrigatória e quase definitiva para toda a lexicografia subsequente”.

Assim, não obstante seja um dicionário bilingue português-latim, Bluteau busca elaborar uma obra que dedicasse mais espaço ao idioma vernáculo que ao latino – o que não ocorria nos primeiros dicionários de língua portuguesa⁹ –, como o próprio autor salienta no “Prologo a todo o genero de leitores – Ao leitor estrangeiro”: “[...] este Vocabulario he bilingue, Portuguez, & Latino, & posto que o Latino em comparação do Portuguez ocupe nelle pouco lugar; necessita de mayor espaço, que os ditos monoglotos [...]” (BLUTEAU, 1712, v.1).

Trata-se, portanto, de uma obra que se sobressai em relação às do mesmo tipo, ao mesmo tempo em que ainda conserva características da tradição. Desse modo, na sequência desta pesquisa, serão analisados aspectos da técnica lexicográfica do *Vocabulario*, destacando, inicialmente, aqueles que tem em comum com os primeiros dicionários de língua portuguesa; logo depois, destacar-se-ão outros, ainda não empregados, os quais permitem identificá-lo como uma obra de transição entre a antiga e a moderna lexicografia portuguesa.

⁹ No “Prologo do autor a todo genero de leitores – Ao leitor portuguez”, Bluteau demonstra já ter tido contato com obras lexicográficas portuguesas do mesmo tipo que o *Vocabulario* e assim as descreve: “O P. Bento Pereira, que naceo em Borba, na sua Prosodia parece nascido em Lacio, taõ perfeitamente declara tudo, o que pertence ao latim: o Cardoso, & o Barbosa, criados na Corte de Lisboa nos seus Dictionarios parecem naturaes da antiga Roma”. Diferentemente, pois, do que se verificava nas obras de seus predecessores, a obra de Bluteau tinha por interesse primeiro a língua portuguesa – daí dedicar-lhe mais espaço –, conforme se pode concluir das seguintes palavras de Murakawa (2007, p.167): “Se compararmos as 410 obras de 288 autores portugueses com os 47 autores latinos, podemos afirmar que é a língua portuguesa o foco de atenção e interesse de Raphael Bluteau e não a língua latina como nos leva a pensar o titulo de sua obra.”

3.1 TRADIÇÕES LEXICOGRÁFICAS NO VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO

Uma vez que Bluteau conhecia os dicionários de língua portuguesa publicados em Portugal anteriormente ao surgimento do *Vocabulário*, era praticamente inevitável a presença, em seu dicionário, de marcas lexicográficas já adotadas nesses dicionários, como as descritas anteriormente (cf. seção 2). Vejam-se algumas delas na sequência¹⁰.

3.1.1 Verbetes com remissão

Ao manusear o *Vocabulário Portuguez e Latino*, encontram-se verbetes como os que seguem:

ARGOLINHA. *Vid. Argola.* (v.1, p.491)

BARGUILHA. *Vid. Braguilha.* (v.2, p.51)

CADANETAS, Cadanêtas. *Vid. Cadenetas.* (v.2, p.29)

GALLINHEIRO. Poleiro. *Vid. no seu lugar. [...].* (v.4, p.20)

Nesses exemplos, observa-se que, em vez de definir a palavra ou entrada que figura como entrada do verbete, Bluteau faz uso do recurso de remeter tal palavra para determinada palavra presente no dicionário, tal como já fizeram, sobretudo, Jerônimo Cardoso e Bento Pereira em seus dicionários. Em Bluteau, todavia, esse recurso é usado mais frequentemente, em todos os volumes aqui analisados.

3.1.2 Verbetes com informações gramaticais sobre a entrada

Outra característica que o *Vocabulário* mantém em comum com os dicionários de língua portuguesa que o antecederam em Portugal é a indicação de características gramaticais das palavras que figuram na posição de entrada dos verbetes, tal como se percebe nestes exemplos:

ANTES. Adverbio, que significa precedencias de tempo. *Antè, Antèa, priùs. Cic.* (v.1, p.400)

BISCOUTINHO. Diminutivo de Biscouto. *Vid. Biscouto.* (v.2, p.127)

MAS. Conjunção. Gramatical, distinctiva, ou contrariante. *Sed, verùm, at, ast, verò, autem. Cic.* (v.5, p.349)

O confronto entre essas obras indica, contudo, enquanto naqueles primeiros dicionários esse tipo de informação vem apresentado muito irregularmente – uma vez que a maioria das palavras que figuram como entrada neles não traz esse tipo de informação –, no dicionário de Bluteau, a frequência com que elas vêm expressas é muito maior.

¹⁰ Neste século, a técnica lexicográfica empregada por Bluteau, no *Vocabulário*, foi objeto de investigações, tais como as empreendidas por Biderman (2003), Malaca Casteleiro (2006), Murakawa (2007) e Silvestre (2008). No primeiro estudo, encontra-se uma descrição muito sucinta, em que praticamente não são apresentados exemplos para comprovar as afirmações feitas pela autora; o segundo texto também deveria apresentar mais exemplos (verbetes), visto que grande parte das demonstrações é feita com citações extraídas do prólogo da obra, bem como de fontes secundárias; já o texto citado de Murakawa traz inúmeros exemplos de verbetes para corroborar as suas afirmações; por fim, a obra de Silvestre, bem mais extensa que os estudos já aqui mencionados, aborda a importância de Bluteau na lexicografia portuguesa, apresentando uma análise de algumas marcas lexicográficas utilizadas no *Vocabulário*, com ampla demonstração. O estudo que ora se apresenta difere destes, contudo, naquilo que traz de proposta principal, complementando-os, de certa maneira, quer por não terem abordado os aspectos da técnica lexicográfica do *Vocabulário* aqui destacados, quer por terem-no feito de forma breve e/ou sem demonstração. Para isso, as argumentações apresentadas são exemplificadas com um número significativo de verbetes retirados da(s) obra(s) analisada(s).

3.1.3 Orientação aos consulentes

Além da disposição das entradas de seu dicionário em ordem alfabética¹¹, Bluteau faz uso de outros recursos que servem de orientação no momento de manusear essa obra. Tais recursos não se diferem, na essência, daqueles já presentes nas três obras acima analisadas: trata-se da distribuição de informação tanto no topo da página, quanto no seu interior. As diferenças residem no fato de que o *Vocabulario* sempre oferece, tanto em uma como em outra posição, as três primeiras letras das palavras que iniciam cada coluna de suas páginas, as quais sempre vêm na forma maiúscula. Nos exemplos abaixo, os três primeiros ocorrem no topo das respectivas páginas; os demais, no interior:

ABB (v. 1, p.19).

BOC (v. 2, p.136).

DES (v. 3, p.114).

ALR (v.1, p.284).

ALS (v.1, p.284).

ALT (v.1, p.284).

Com os exemplos apresentados ao longo desta seção, fica evidente que, mesmo quando dialogou com a tradição lexicográfica de Portugal, Bluteau foi além da prática recorrente nos primeiros dicionários de língua portuguesa, quer na frequência com que o fez, quer na maior regularidade.

3.2 NOVIDADES LEXICOGRAFICAS DO VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO

Os cento e cinquenta anos que separam o *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem* do *Vocabulario Portuguez e Latino* foram muito fecundos na lexicografia europeia, tanto no âmbito da lexicografia das línguas vernáculas (espanhola, italiana e francesa), quanto da língua latina.

O contato de Bluteau com o que de mais recente estava sendo produzindo nesse meio lexicográfico, assim como com o que já foi produzido ao longo do século XV, permitiu que esse autor percebesse o quanto a lexicografia portuguesa – de caráter bilíngue e usada como instrumento para o ensino de latim – estava pouco desenvolvida em relação às demais línguas da Europa ocidental. Assim, ao elaborar o seu dicionário, decidiu adotar novas técnicas, contribuindo decididamente para o avanço da lexicografia em Portugal.

A seguir, será apresentada uma análise de algumas dessas técnicas lexicográficas, de modo a identificar os avanços que o *Vocabulario Portuguez e Latino* oferece à história da lexicografia portuguesa.

¹¹ Sobre a ordenação alfabética das entradas do *Vocabulario*, Silvestre (2008, p. 160, destaques do autor) afirma: “No panorama dicionarístico português, a publicação do *Vocabulario* representa uma substancial evolução na ordenação formal da nomenclatura, com diferenças que se tornam mais notórias pelo facto de, nos dicionários editados anteriormente, ainda não se verificar a ordenação alfabética directa. O texto de J. Cardoso (1562) é aquele em que é mais visível a conjugação da organização alfabética e derivacional, agregando palavras por relações morfológicas e semânticas. Por sua vez, o *Thesouro* apresenta-se como um glossário em que, apesar das preocupações com a alfabetação, subsistem também ordenações por campos semânticos e derivações etimológicas”.

3.2.1 Uso de maiúsculas para identificar as entradas dos verbetes

Um ponto bem característico no *Vocabulario*, de Bluteau, em relação aos dicionários de língua até então produzidos em Portugal, é o emprego de letras maiúsculas para indicar a palavra que funciona como a entrada do verbete. Como se pode observar pelos exemplos retirados de Jerônimo Cardoso, Agostinho Barbosa e Bento Pereira, essa técnica ainda não era adotada em suas épocas¹². Eis alguns exemplos retirados do *Vocabulario*:

DIFICULTOSAMENTE. Com dificuldade. *Difficulter. Vid. Difficilmente.* (v.3, p.220)

GUDINHA. No Alemtejo he Fazendinha, ou como dizem em Alcobaça, *Choisa. Pradiolum, i. Neut. Cic. Agellus, i. Masc. Cic. Vamos à tua gudinha. Pergamus ad tuum agellum.* (v.4, p.151)

TESTEMUNHAR. Dar testemunho. *Testari, ou testificari. Cic. [...].* (v.8, p.136)

3.2.2 As entradas e suas definições

Outro aspecto que se ressalta na técnica lexicográfica de Raphael Bluteau, quando se compara o seu *Vocabulario* com as obras que o antecederam, é o que se refere às entradas e às definições. Assim, por exemplo, não se verificam, em sua obra, construções ou frases como entrada, exceto quando são locuções conjuntivas e adverbiais ou nomes de lugares; mesmo nesses casos, não há muita frequência:

AGOAS MORTAS. Cidade de França na Provincia de Languedoc. *Aquae mortuae, ou Fosse Mariane. Plur. Fem.* (v.1, p.175)

AGOAS SANTAS. Em Agoas Santas, que he em terra de Maya, do Bispado do Porto, houve antigamente hum celebre hospital dos cavalleiros do santo Sepulcro. *Vid. Monarch. Lus. Tom. 5. fol. 153. col. 3.* (v.1, p.175)

AINDA MAIS. *Praeterea. Insuper.*

Ainda mais direi isto. *Hoc addam insuper. Plaut.*

Ainda mais me deu esta comissão. *Hoc quoque mihi etiam in mandatis dedit. Plauto no Prologo do Amphit. vers. 12.* (v.1, p.195)

AINDA AGORA. *Modo. Vid. Agora.*

Alguns ainda agora chegaraõ de Roma. *Quidam venerunt Româ sane recentes. Cic. [...].* (v.1, p.195)

Construções ou frases ocorrem, entretanto, normalmente como subentradas, grafadas com letras minúsculas. Assim, como subentrada dos verbetes AINDA QUANDO e EM, encontram-se exemplos como os que seguem:

AINDA QUANDO: *Quanvis, licet, ut, &c.*

Ainda quando não podera executar o seu intento, sempre havia de &c. *Vt enim non efficiat, quod vult, tamen &c.*

Ainda quando não houvera perigo algum. *Etiam ut nullum periculum sit. [...].* (v.1, p.195)

Em quatorze annos. *Intra annos quatuordecim.* Em tres dias. *Intra tres dies, ou trium dierum spatio.* Em tempo, & lugar. *Tempore, & loco.* Em a paz, como na guerra. *Pace, & bello. Cic. Em o mesmo tempo. Per idem tempus. Eodem tempore.* (v. 3, p.34)

¹² Para ser mais exato, esses autores já apresentavam algumas entradas em maiúsculas, mas somente aquelas que indicavam as letras do alfabeto.

Em relação às definições, é importante destacar que Bluteau já demonstra um trabalho consciente, pois adverte no “Prologo”:

[...] as definiçoens, que trago, não são todas logicas, & muitas vezes mais são descripçoens, que definiçoens, porque de ordinario seria mais difficultosa de entender a definiçãõ, que o definido; e assim se eu definira Logica, & Dialecticamente plantas, animaes instrumentos, & artefactos, mais facilmente os havia de conhecer pello nome, que pela definiçam, & como não es versado na phrase Escolastica, outro Vocabulario te seria necessario, para entenderes o meu. (BLUTEAU, 1712, v.1, “Prologo do autor a todo o genero de leitores – Ao leitor indouto”)

Desse modo, ao analisarem-se as entradas do *Vocabulario*, percebe-se que o autor apresenta diferentes maneiras de definir a palavra que aparece como entrada, dando origem, assim, a definições com diferentes características ao longo de sua obra.

Algumas definições, por exemplo, podem ser facilmente compreendidas pelos consulentes, como estas:

BANDEJA, Bandêja. Vaso de pao, redondo, & chato com sua aba levantada, em que de ordinario se mandão presentes aos amigos. *Rotundus*, & *parum altus*, ou *parum profundus alveolus*, *i*. Esta ultima palavra he de Columella, no livro 8. cap. 5. em sentido pouco differente. (v.2, p.31)

GLANDULA. (Termo de Medico.) Especie de caroço de carne esponjosa, que serve para attrahir das partes contiguas os humores superfluos. Em muitas partes do corpo humano há glandulas, humas nas ilhargas da câpainha da bocca, a que chamão Amygdalas, outras nos sovacos, a que chamaõ Emunctorios; as tetas são compostas de glandulas, &c. *Glandula*, *ae. Femin. Cornel. Cels. lib. 2. cap.1.* (v.4, p.80)

Outras entradas, entretanto, são definidas por meio da indicação de uma palavra sinônima:

ABAFAMENTO. Suffocação. *Suffocatio, onis. Fem. Plin. Histor.* Da palavra Abafamento se usa mais no sentido metaphorico, que no natural, & val quasi tâto, como oppressão. *Oppressio, onis. Fem. Terent.* (v.1, p.8)

OURINAR. Mijar. *Meiere, (meio, minxi, mictum) Pers. Columel. Horat. Mingere* se acha só em Diomedes. [...]. (v.6, p.147)

Há, ainda, palavras que não recebem definições, situações em que o autor apresenta, somente, exemplos nos quais as palavras se fazem presentes, como nos verbetes abaixo:

BIÇA. (Termo da India.) E que da quantidade do ouro lhe disse, que erão cento, & trinta mil *Biças*, de quinhentos cruzados cada biça. Fern. Mendes Pinto, Hist. da sua Perigrin. pag. 181. col. 2. (v.2, p.118)

DORMINHOCO, dorminhôco, ou dormilaõ. *Dormitator, oris. Masc. Plaut. Multum dormiens. Cic. Somniculosus*, ou *somno deditus, a, um. Cic.* Dando mate aos ociosos, & *Dormiloens*. Correção de abusos, pag.14. (v.3, p.293)

3.2.3 A exemplificação e as fontes

No âmbito da exemplificação, Bluteau (1712-1721) deixa claramente expresso, já na folha de rosto de seu dicionário, de onde são retirados os exemplos que são apresentados, colocando, logo abaixo do título, que o seu vocabulário é “Autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos”. De imediato, já é possível observar a diferença entre este dicionário e os demais até

aqui analisados: a exemplificação também é feita em língua portuguesa e não somente em língua latina¹³. Quanto a esse fato, assim diz Bluteau (1712, v.1):

Tirei dos Autores Portugueses as palavras, que fora da alphabetica Jerarchia andavaõ dispersas, & a todas ellas, como a simulacros da eloquencia colloquei com ordem nas aras desta Philologia; recolhi palavras anticadas, como reliquias de Portugal o velho, & acrecentei vozes modernas, como enfeites de Portugal o novo; entronizei nestas folhas a lingua Portugueza com tanta magestade, que ao pè de cada dição se acha com exemplar fidelidade o Author, com etymologicas descendencias mostro a origem, & apuro a nobreza dos vocabulos; manifesto o parentesco, & afinidade, que elles tem com a lingoa Hebraica, Arabica, Grega, Italiana, Castelhana, ou Franceza, & obrigo a Latina a ter com o Portuguez primorosas correspondencias. (“Prologo do autor a todo o genero de leitores – Ao leitor portuguez”).

Para Bluteau, exemplificar indicando as fontes em que tais exemplos foram encontrados constitui um recurso importante para demonstrar a confiabilidade de seu dicionário:

Do trabalho, que tomei em colher de todos os livros Portuguezes, que me vieram às mãos, dicções, & phrases, não faço menção, sô digo, que enchi dellas alguns dez volumes de quarto, & nesta collecçam gastei mais de seis annos. Não me arrependo do tempo, que me levou esta curiosidade: *sem exemplos de Autores, cada dia se formariam duvidas sobre o significado, & uso de muitas palavras deste Vocabulario*. (“Prologo do autor a todo o genero de leitores – Ao leitor pseudocritico”, destaques meus)

Bluteau, no entanto, não se limitou a retirar exemplos de autores portugueses e latinos; preocupou-se, também, em indicar em que autor se encontra a palavra colocada como entrada do verbete, como a seguir, quando, logo após a definição de *Carnavál*, Bluteau indica que essa palavra é empregada por Antônio Vieira no primeiro tomo de seus Sermões:

CARNAVAL, Carnavál. Os dias do Intrudo, porque nelles nos despedimos da carne, como se disseramos *Carne vale*. A palavra Intrudo, he mais usada; porèm no I. tomo dos Serm. do P. Anton. Vieir. pag. 564. acho *Carnaval*, que he o termo, de que os Italiano, & os Franceses usaõ. Tumultuou o povo no deserto contra Moyses, & foy o tumulto de *Carnaval*. *Vid.* Intrudo. (BLUTEAU, 1712, v.2, p.152)

Nos exemplos abaixo, verifica-se claramente essa mesma característica:

PALLIDO. Desmayado, Descorado, Enfiado. Rosto pallido, em que se desbotou aquella cor viva, misturada com o alvo, & vermelho, que faz o bom carão. *Pallens, tis. omn. gen. Pallidus, a, um. Virgil.* O comparativo *Pallidior* he usado. (Huma mulher está pallido o rosto. D. Franc. de Portug. Divin. & human. Vers. 121.) (v.6, p.204)

TESOURADA. Golpe, que se dà com tesoura. Dar hũa tesourada na mão. *Forfice manum laedere.* Dar hũa tesourada no panno. *Forfice, ou forficibus pannum incidere.* (Os alfayates lhe dão suas *Tesouradas*. Curvo, Observaç. Medic. 92.) (v.8, p.130)

¹³ Viu-se, mais acima (cf. seção 2.2), que Agostinho Barbosa e Bento Pereira apresentam alguns exemplos em seus dicionários, mas são em língua latina e não na portuguesa. Os raros existentes em língua portuguesa são tradução de construções latinas. Bento Pereira apresenta, ainda, no início de seu *Thesouro*, uma lista de autores portugueses que foram lidos para elaborar a sua obra, mas não apresenta exemplos ao longo dela, nem indica especificamente em que obra determinada palavra pode ser encontrada.

Apesar de afirmar que os exemplos apresentados em seu dicionário são encontrados nos bons autores portugueses, Bluteau não deixa de lado os autores que podem ser considerados de “menor valor”. E assim justifica a sua postura:

Mas queres exemplos de Autores muito graves. Para o uso das palavras, não há Autores mais graves, que os Mestres do officio, de que sam as palavras. Que querias? que para palavras proprias do officio do Sangrador, ou do Barbeiro, puxasse por autoridades da *Arte de reinar de Parada*, ou do *Autor da Brachilogia dos Príncipes*? Para a ditta materia tirei exemplos da *Pratica dos Barbeiros de Manoel Leitão, Mestre em Artes, & Cirurgia*. Para nomes de achaques, & lesoens de cavallos, havia eu de recorrer as *Epanaphoras de D. Francisco Manoel*, às *Decadas de Barros*, & *Monarchias Lusitanas*? Para este efeito peguei da *Summula* de Alveitaria do Rego, porque, como diz Horacio, *Tractant fabrilia fabri*.

Assim tivera eu achado Autores Portuguezes em todas as Artes liberaes, & mecanicas, para allegar com elles? Por falta deste subsidio, corri as mais humildes officinas da Republica; passei tardes inteiras em *Atafonas*, entre *Moegas*, & *Almanjarras*, enfarinhado na Arte de moer, desperdiçador de decoros, & aproveitador de farellos; entrei em forjas de Ferreiros, & Fundidores, examinei *Bramadeiras*, & *Foganhas*, tomei postilla de fundiçam entre *Cadinhos*, & *Alcravizes*; mettime em lagares de vinho, puzme de *Gorra* ao pé das uvas, & em lagares de azeite andei a roda no meyo de *Varandas*, & *Entrosas*; chegueime a *Frades*, que nem sam Religiosos, nem Apostatas, & fui obrigado a carregar a memoria de *Capachos*, & *Balurdos*. [...] (BLUTEAU, 1712, v. 1, “Prologo do autor a todo o genero de leitores – Ao leitor pseudocritico”)

Por isso, mereceu a seguinte crítica de Innocencio Francisco da Silva, em seu *Diccionario Bibliographico Portuguez*:

O maior defeito d’este Diccionario (afóra a sua nimia extensão, e as intempestivas digressões trazidas a miudo pelo desejo de alardear erudição), é talvez, na opinião dos criticos, a falta de escrupulo com que o auctor procede na auctorisação dos vocabulos; allegando indiferentemente a cada passo, ora com auctores reputados classicos pelo consenso geral, ora com outros de inferior nota, que não devêra citar. (SILVA, 1862, t.7, p.43)

Considerando tal procedimento metodológico apresentado no *Vocabulario* e até então inexistente para o âmbito do léxico português, Murakawa (*op. cit.*, p.165) conclui: “Inicia-se, assim, com o *Vocabulario* de Bluteau, um novo modelo lexicográfico baseado em um *corpus* de referência autorizado por escritores portugueses”. E, em seguida, acrescenta (*op. cit.*, p.163): “[...] foi o primeiro a fixar um *corpus* lexical autorizado em língua portuguesa. Bluteau organizou um *corpus* de 410 obras, aproximadamente, de 288 autores portugueses dos séculos XV ao XVIII”.

3.2.4 Emprego de acento nas palavras que figuram como entrada

Nenhum dos dicionários que até agora foram analisados apresenta sinal gráfico nas palavras que são colocadas como entrada dos verbetes. Em Bluteau, no entanto, esse é um recurso muito recorrente, como se pode verificar nas palavras abaixo:

BAMBUAL. Bambuâl. Bosque de Bambüs. *Vid.* Bambu. Tínhamos armado cilada em hum *Bambual* fronteiro. Querôs, Vida do Irmão Basto, p.306. col. 2. (v.2, p.27)

FOGAL. Fogál. Certo foro, que se paga na Villa, & termo de Lamas de Orelhaõ, no Minho, pelos que accendem fogo, a duzentos, & cincoenta reis cada lugar, & alguns pouco mais. *Corograph. Portug.* Tom. I. 443. (v.4, p.150)

E tal maneira de proceder parecia ser, realmente, estranha em Portugal, pois Bluteau, ao introduzir essa técnica na lexicografia portuguesa, vê a necessidade de justificá-la. Assim, destaca a importância de tais acentos para que o leitor possa identificar a correta pronúncia das palavras:

Como rigoroso censor de quanto vês, & não entendes, não deixarás de reparar nos accentos, com que vam notados os vocabulos, que com letra mayor trazem variedade de dicçam. [...]. *Em Vocabularios mais, que em qualquer outro genero de livros, he precisa esta accentuaçam*; porque como cada vocabulo, que segundo a serie alphabetica traz variedade, *para mayor clareza, & distincçam vem impresso com letras capitaes, sem accento na ultima, ou na penultima, ou na antepenultima, erraria o Leitor na pronunciaçam da palavra, a quantidade da syllaba*, principalmente nos vocabulos, tomados da Lingoa Grega, ou outro peregrino idioma; & *esta ignorancia de prosodia causaria nos ouvintes riso, & no Leitor confusam*. Para evitar este inconveniente nas letras mayores de cada novo vocabulo *acharàs o accento collocado, sobre a syllaba, que se hà de ferir, segundo a pronunciaçam, que pede a palavra* [...]. (BLUTEAU, 1712, v.1, “Prologo do autor a todo o genero de leitores – Ao leitor pseudocritico”, destaques meus)

Neste particular, a adoção dessa técnica reveste-se de grande importância, não somente para o falante nativo da língua portuguesa, mas principalmente para quem aprendeu esta língua já adulto, como língua não materna, pois, como adverte Bluteau – ele mesmo um estrangeiro¹⁴ –, [os filhos da terra] *Pronunciarão, & cortaraõ melhor as palavras, sim: porque desde a infancia começaraõ a fallar a sua lingoa materna, & sò nos annos mais tenros tem o orgão da voz a flexibilidade precisa para a propria, & nativa articulaçãõ das palavras; circumstancia, que falta aos estranhos [isto é, estrangeiros] já adultos*; porem estes mesmos com a curiosidade, & applicaçãõ podem adquirir mais noticias em huma lingoa, que os próprios (sic) naturaes della. (BLUTEAU, 1712, v.1, “Prologo do autor a todo o genero de leitores – Ao leitor portuguez”, destaques meus). Com isso, o *Vocabulario* – além de toda contribuição para o conhecimento acerca de áreas diversas, como a História e a Cultura de Portugal – torna-se uma riquíssima fonte para o conhecimento da língua portuguesa, sobretudo na área da Fonética. Para a época em que surgiu, certamente foi um importante auxílio aos estrangeiros que, porventura, manifestaram interesse pela língua portuguesa, auxílio que o próprio Bluteau não teve enquanto a aprendia.

Ressalte-se, entretanto, que – embora constituísse uma novidade para a lexicografia (de língua) portuguesa – o emprego de acento gráfico com tal finalidade não era inédito no âmbito de trabalhos lexicográficos, quer monolíngues¹⁵, quer bilíngues¹⁶. E o próprio

¹⁴ De acordo com Silva (*op. cit.*, p.42-45), Bluteau nasceu em Londres a 4 de dezembro de 1638, filho de pais franceses. A partir de 1644, encontra-se morando na França e cursa humanidades em Paris; em Roma, obtém doutorado em ciências teológicas e em 1661 torna-se clérigo. Em 1668, foi enviado para Portugal, “Aprendendo em breve tempo a lingua portugueza, começou em Lisboa a distinguir-se na predica, grangeando applausos e credito na côrte, e a especial protecção da rainha D. Maria Francisca de Saboya, mulher dos reis D. Alfonso VI e D. Pedro II” (p.42). Bluteau faleceu em Portugal a 14 de fevereiro de 1734, “[...] contando mais de 95 de idade, dos quaes viveu seis em Inglaterra, cinco em Italia, em França vinte e oito, e cincoenta e seis em Portugal” (p.43).

¹⁵ Em seu *Dictionnaire François* – portanto, em um dicionário monolíngue, diferentemente do *Vocabulario* – Richelet (1680) já emprega essa técnica para auxiliar o seu consulente na identificação de algumas pronúncias, tal como expresso na seção “Explication des marques qu’on a mises aux Mots, & des accens dont les a marquez”, quando diz: “O acento circunflexo ^ indica que a sílaba sobre a qual está deve ser pronunciada longa. — O acento grave ` assinala que, ao se pronunciar a sílaba em que ele ocorre, abaixa-se um pouco a voz.” [Tradução livre. No original: “L’accent circonflexe ^ montre que la syllabe sur laquelle il est, se doit prononcer longue. — L’accent grave ` marque qu’en prononçant la syllabe sur laquelle il se rencontre, on abaisse un peu la voix.”].

¹⁶ As obras de Tachard (1687) e Danet (1691) indicadas por Bluteau são dicionários bilíngues latim-francês. Em Danet (1691), por exemplo, logo no início de seu dicionário, encontra-se a seção “Explication des marques dont on se sert dans ce Dictionnaire”, na qual o autor explica a significação de sinais que emprega ao longo da obra. Assim diz ele: “A quantidade está indicada em cada palavra latina. [O sinal] ^ indica que a sílaba é breve; ` assinala que ela é longa; e ^ indica que a sílaba é duvidosa, como *lâbôrô*”. [Tradução livre. No original: “La quantité est sur chaque mot latin. ^ marque que la Syllabe est breve; ` qu’elle est longue: & ^ qu’elle est douteuse, comme *lâbôrô*”]. Desse modo, o autor faz uso de tais marcas para auxiliar o leitor de seu dicionário, no sentido de que pronuncie corretamente as palavras latinas, uma vez que a sílaba tônica, nessa língua, está relacionada com o fato de a sílaba ser longa ou breve. Eis alguns exemplos retirados desse autor (DANET, 1691, p.4):

ĀBĀNTĀŪS. *Ovid.* Qui est de l’Isle Eubée.
 ĀBĀTŌ *breuiāvi, abbreviātum, abbreviāre.* Veg. Abbréger,
 racourcir, retrancher. S. f. *Lucan.* Abanto, Isle d’Egypte, dans les Palus Maréotides,
 renommée par le lin qui y croist, & l’arbre appelé Papyrus.
 ĀBĀVŪS. *aenit. abāvi.* M. *Just. Cic.* L’Ayeul de l’ayeul; le

Bluteau – com grande demonstração de rigor científico e, talvez, como uma maneira de alcançar maior aceitação junto aos críticos – adverte não ser o primeiro a fazer uso desse recurso:

[...] & para que não imagines, que me faça author desta novidade, sabe, que acharás em outros, *Vocabularios modernos o mesmo, particularmente no Diccionario Latino Gallico do P. Tachard da Companhia de Jesus, impresso em Pariz Anno de 1687. & no do Abbade Danet, que começa pello Latim, impresso tambem em Pariz, Anno de 91.* (BLUTEAU, 1712, v.1, “Prologo do autor a todo o genero de leitores – Ao leitor pseudocritico”, destaques meus)

Ainda em relação ao emprego do acento, é importante observar que, ao longo dos oito volumes aqui analisados, ocorre uma mudança na maneira de sua apresentação nas palavras. Nos quatro primeiros, é apresentada, de modo geral, a palavra em maiúsculas sem acento, seguida de sua grafia em minúsculas, com o acento indicando a pronúncia da palavra (cf. os exemplos apresentados no início desta seção). Nos demais volumes, apresenta-se somente a forma maiúscula, sobre a qual recai o sinal:

LEBRÂCHO. Lebre pequena. *Vid.* Lebre. (v.5, p.62)

PÃO. Diz-se genericamente de qualquer lenha, & madeyra, v. g. Naõ he isto pedra, he pao. *Lignum, i. Neut.* (v.6, p.228)

REGRÊTA. (Termo de Impressor.) He hũa pequena regra de pao, com que se tirão os caracteres do componedor, para formar a pagina na galé. (v.7, p.205)

Com as análises apresentadas ao longo deste estudo e considerando o cenário lexicográfico português que o autor do *Vocabulario Portuguez e Latino* dispunha para elaborar a sua obra, fica a certeza de que a lexicografia portuguesa antes de Bluteau foi uma e depois dele, outra, dadas às importantes inovações que ele lhe introduz.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, foi possível conhecer, de forma breve, o processo que deu origem à lexicografia portuguesa, a qual, embora de certo modo tardia e sem grandes modelos portugueses, surgiu e desenvolveu-se ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, este o século em que foi publicada uma de suas mais importantes obras, o *Vocabulario Portuguez e Latino*, cujo autor, além de conhecer os dicionários portugueses que foram publicados antes do século XVIII, também conhecia os principais dicionários das línguas vernáculas europeias até então publicados, assim como as grandes obras da lexicografia latina dos séculos XV e XVI – conforme fica demonstrado, sobretudo, ao longo do “Prologo” da obra, no qual se encontram diversas obras lexicográficas e autores de dicionários explicitamente citados por Bluteau.

Esse contato com dicionários de países que já possuíam uma prática lexicográfica mais desenvolvida permitiu que Bluteau estabelecesse uma síntese entre a lexicografia portuguesa e a lexicografia europeia, incorporando ao seu *Vocabulario* muitas características que ainda não eram encontradas (ou encontradas de forma não-sistemática) naquela lexicografia – tais como o emprego de letras maiúsculas para as entradas, o emprego de acentos gráficos para a indicação da sílaba tônica e da forma de pronunciar a palavra que figura como entrada, bem como a exemplificação em língua portuguesa e a indicação das fontes portuguesas logo após a citação –, dando, assim, um grande impulso à lexicografia portuguesa.

Nem sempre, contudo, é fácil identificar de que autor Bluteau assimilou determinada técnica. Por exemplo, ao uso de letras maiúsculas para identificar a entrada do verbete não é atribuída a influência de nenhum autor, mas dentre os diversos dicionários que são citados no *Vocabulario* muitos fazem uso desse recurso. Abaixo, são citados exemplos de dois desses autores¹⁷:

FORAS, Aduerbiu ad locum.
 Foras ambulare. Plaut. in Epid. 3. 62, Adolescenti die nostro herili
 filio, ne hinc foras
 ambulet. Quil ne sorte point hors dicy.
 Foras exire. Plautus in Casina, 23. 27, Foras tacitus exeo cum
 ornatu quo vides. Idem in
 Amphit. 17. 26, Sed quid tu foras egressa est. [...]. (ESTIENNE,
 1531, p.321)

ADALID, nombre Arabigo, responde al nombre Latino Dux, seu ducens, es el que guia a oytro, y va enseñándole el camino, que no es real, ni ordinario, sino encubierto y no hollado. En rigor se llama Delid, mostrador: y porq̃ de los Adalides se fia todo un exercito, hablando dellos la ley de la Partida primera tit. 22. part. 2. dize assi: Quatro cosas dixeron los antiguos que deuè auer en si los adalides, sabiduria, esfuérço, buen seso, y lealtad. Todo lo qual explica largamente lo que luego se sigue, a que me remito. (COVARRUBIAS, 1611, p.13)

Em outras situações, contudo, Bluteau aponta qual autor está utilizando como parâmetro ao adotar, em seu *Vocabulario*, determinada técnica. É o que ocorre, por exemplo, quanto ao emprego de acento nas palavras portuguesas, quando claramente aponta ser influência de Tachard (1687) e Danet (1691):

[...] & para que não imagines, que me faço author desta novidade [o emprego de acento sobre as palavras], sabe, que acharás em outros, Vocabulios modernos o mesmo, particularmente no Diccionario Latino Gallico do P. Tachard da Companhia de Jesus, impresso em Pariz Anno de 1687. & no do Abbade Danet, que começa pello Latim, impresso tambem em Pariz, Anno de 91” (BLUTEAU, 1712, v.1, “Prologo do autor a todo genero de leitores – Ao leitor pseudocritico”)

O mesmo ocorre quanto à indicação das fontes em que foram colhidos os exemplos apresentados ao longo do *Vocabulario*, que é uma influência da obra de Calepino: “Na frequencia destas allegaçoes imitei a Calepino, em que rara he a palavra, sem o nome do Autor, que usou della.” (“Prologo do autor a todo o genero de leitores – Ao leitor pseudocritico”)¹⁸.

Para finalizar, é importante destacar que todo esse desenvolvimento da técnica lexicográfica portuguesa verificado em Bluteau também é resultado do conjunto das experiências lexicográficas realizadas antes do *Vocabulario Portuguez e Latino*, pois, conforme apontado ao longo desta pesquisa, cada um dos dicionários portugueses contribuiu com algo para o seu desenvolvimento, isto é, todos os autores que antecederam Bluteau também são partícipes dessa evolução. Nada disso, entretanto, retira de Bluteau nem o mérito, nem a importância de sua obra para a história da lexicografia (de língua) portuguesa, de modo que continuam válidas as seguintes palavras que lhe dirigiu Innocencio Francisco da Silva, na obra já aqui citada (1862, p.43): “Os portuguezes lhe [a Bluteau] devem eterna gratidão, por lhes dar um Diccionario que não tinham, e de que tanto necessitavam: abalançando-se e conseguindo elle só com o proprio esforço e estudo, o que as Academias não puderam vencer antes, nem depois!”.

¹⁷ Outros autores citados por Bluteau e que apresentam as entradas de seus dicionários em maiúsculas são Tachard (1687) e Danet (1691).

¹⁸ Tal procedimento também é encontrado em outros autores citados por Bluteau em seu dicionário, entre os quais Estienne (1531), Barbosa (1611) e Covarrubias (1611).

REFERÊNCIAS

AUROUX, S.; COLOMBAT, B. L'horizon de rétrospection des grammairiens de l'Encyclopédie. *Recherches sur Diderot et sur l'Encyclopédie*, Paris, n. 27, p. 111-152, 1999. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rde/821>. Acesso em: 13 dez. 2019.

BIDERMAN, M. T. C. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. *Alfa: Revista de Linguística*, Araraquara, v. 47, n. 1, p. 53-69, 2003. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4232>. Acesso em: 10 maio 2020.

FLECK, L. *La génesis y el desarrollo de un hecho científico: introducción a la teoría del estilo del pensamiento y del colectivo del pensamiento*. Versión Luis Meana. Madrid: Alianza, 1986.

MALACA CASTELEIRO, J. Les dictionnaires portugais. *Dix-huitième siècle*, n.38, p. 119-134, 2006. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-dix-huitieme-siecle-2006-1-page-119.htm>. Acesso em: 10 maio 2020.

MURAKAWA, C. de A. A. D. Raphael Bluteau: marco na lexicografia portuguesa de setecentos. In: MURAKAWA, C. de A. A. D.; GONÇALVES, M. F. (org.). *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2007. p.159-188.

PORTO DAPENA, J. A. *Manual de técnica lexicográfica*. Arco/Libros: Madrid, 2002.

ROBINS, R. H. *Pequena história da Linguística*. Trad. Luiz Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; Brasília: INL, 1979.

SILVESTRE, J. P. *Bluteau e as origens da lexicografia moderna*. Lisboa: INCM, 2008.

VERDELHO, T. *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. 2v. Aveiro: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1995.

VERDELHO, T. Dicionários portugueses: breve história. In: NUNES, J. H.; PETTER, M. (org.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Pontes, 2002. p.15-64.

FONTES

BARBOSA, A. *Dictionarium lusitanicolatinum*. Bracharae: Typis, & expensis Fructuosi Laurentii de Basto, 1611. Disponível em: <http://purl.pt/14016>. Acesso em: 15 nov. 2019.

BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez e latino: aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero...* autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos.... 8v. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1721. Disponível em: <http://purl.pt/13969>. Acesso em: 10 out. 2019.

CARDOSO, J. *Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*. Ulissyponne: Ex officina Ioannis Aluari, 1562. Disponível em: <http://purl.pt/15192>. Acesso em: 28 out. 2019.

PEREIRA, B. *Thesouro da lingua portuguesa*. Lisboa: Officina de Paulo Craesbeeck, 1647. Disponível em: <http://purl.pt/29129>. Acesso em: 10 nov. 2019.

DICIONÁRIOS

COVARRUBIAS, S. *Tesoro de la lengua castellana o española*. Madri: Luis Sanchez, 1611. Disponível em: <http://bdh.bne.es/bnearch/detalle/4216062>. Acesso em: 15 dez. 2019.

CALEPINO, A. *Dictionarium latinum*. Rhegium Lingobardum: Dionysius Berthochius, 1502. Disponível em: <https://reader.digitale-sammlungen.de/resolve/display/bsb10147517.html>. Acesso em: 11 maio 2020.

DANET, P. *Magnum dictionarium latinum et gallicum*. Paris: Ex Typographiâ & Types Viduae Cladii Thiboust, 1691. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=5Sv1Pg-FYfoC&hl=pt-BR&source=gbs_similarbooks. Acesso em: 03 dez. 2019.

ESTIENNE, R. *Dictionarium seu latinae linguae Thesaurus*. Paris: Ex Officina Roberti Stephani. 1531. Disponível em: http://www.bvh.univ-tours.fr/Consult/index.asp?numfiche=237&numtable=B372612102_FB1859. Acesso em: 07 nov. 2019.

MORAES SILVA, A. de. *Diccionario da lingua portugueza*. 2v. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em: <http://purl.pt/29264>. Acesso em: 05 maio 2020.

RICHELET, P. *Dictionnaire françois*. J. H. Widerhold: Genève, 1680. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k509323.r=richelet?rk=107296;4>. Acesso em: 11 maio 2020.

SILVA, F. I. da. *Diccionario bibliographico portuguez: estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil*. Tomo 7. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242735>. Acesso em: 21 dez. 2019.

TACHARD, G. *Dictionarium novum latino-gallicum*. Paris: André Pralard, 1687. Disponível em: <https://reader.digitale-sammlungen.de/resolve/display/bsb10523739.html>. Acesso em: 10 dez. 2019.



Recebido em 20/01/2020. Aceito em 18/05/2020.